



Conversa de escritor: a autoimagem de Wander Piroli

Flávia Batista da Silva Santos*

Quando o assunto é a literatura, boêmia e marginalidade de Belo Horizonte, não podemos deixar de citar o escritor e jornalista Wander Piroli. Nascido na capital mineira, viveu grande parte de sua vida em um bairro que, por muito tempo, foi conhecido como a principal zona boêmia da capital: o bairro Lagoinha. Piroli faleceu em 2006 e, no mesmo ano, sua família fez a doação de seus documentos para o Acervo de Escritores Mineiros (AEM).¹ É um escritor relativamente pouco conhecido e são poucas as publicações a seu respeito ou sobre sua obra. Em seu acervo constam livros, periódicos, jornais, correspondências, objetos pessoais, fotografias, quadros e uma estante.

O registro desse acervo é o resultado de vários meses de organização técnica com a principal intenção de condensar as informações nele contidas para que o material possa ser utilizado em pesquisas futuras sobre a obra e a vida do escritor. Os documentos apresentavam, em sua maioria, estado de conservação regular, o que facilitou bastante a pesquisa. Inicialmente, minha tarefa no

* Graduanda em Letras (UFMG).

¹ O Acervo de Escritores Mineiros está localizado no terceiro andar do prédio da Biblioteca Central da UFMG. Nele se encontram os fundos documentais de uma série de escritores, sob a guarda Centro de Estudos Literários da FALE/UFMG.

AEM era restrita à higienização, seguida da identificação dos documentos e registro das cartas e recortes de jornais. Concomitantemente, me empenhava na análise do livro *Lagoinha*, de autoria de Wander Piroli, que foi lançado em 2003 como parte da coleção “BH – A Cidade de Cada Um”.

À medida que o contato com a correspondência do escritor crescia, crescia também o interesse por sua vida. O acervo de Piroli possui cerca de 2.126 cartas (incluindo a correspondência ativa e passiva) e aproximadamente 484 jornais, sem contar as revistas e todos os demais documentos citados anteriormente. Passei a ver em suas cartas pessoais um valioso objeto de pesquisa e foi a partir daí, da leitura que fiz de sua correspondência ativa, que sua imagem foi sendo construída e, ao mesmo tempo, desconstruída. Posteriormente, maior ainda foi a surpresa ao me deparar com duas entrevistas irreverentes e descontraídas concedidas pelo próprio Piroli e publicadas em jornais diferentes nos anos de 1984 e 1998, objetos preciosos para meu estudo e percepção deste jogo de (des) construções do eu criado pelo “filho da Lagoinha”.

Teorizando

Antes de iniciar a discussão sobre as imagens que Wander Piroli constrói de si em suas cartas e entrevistas, apresentarei alguns dados teóricos relativos ao tema.

As fronteiras imprecisas entre autobiografia, ficção e memória são marcantes e recorrentes nas obras de Piroli. Um exemplo que aborda com propriedade esses três estatutos genéricos é o livro *Lagoinha*, lançado em 2003 como parte da coleção “BH – A Cidade de Cada Um”.

Lagoinha é dividido em três partes: “O lugar”, “As paixões” e “As pessoas”. A primeira parte é composta por sete crônicas escritas em primeira pessoa, em que o autor descreve ruas e lugares do bairro e lembra, com saudosismo, sua experiência pessoal como antigo morador do bairro. Podemos dizer, então, que essa parte do livro cumpre com rigor o que Philippe Lejeune definiu como “pacto autobiográfico”. Para que esse pacto exista, “a pessoa que enuncia o discurso deve, no caso, permitir sua identificação no interior mesmo desse discurso, e é no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa” (Lejeune apud Miranda, 1980).

Na segunda parte da obra, intitulada “As pessoas”, as dezesseis crônicas (narradas em primeira e terceira pessoa) descrevem o dia a dia, o destino e episódios vivenciados pelo próprio autor e, principalmente, pelas pessoas do bairro. Percebemos que nesta parte o livro se torna mais memorialístico, deixando o caráter autobiográfico um pouco de lado. Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua vida individual, sobretudo a história de sua personalidade.” (1980, 14). Mas, como mostra Wander Melo Miranda, a linha que demarca essa transição não é sempre bem definida:

A distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade, características essenciais da autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. Mesmo se se consideram

as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida (1992, 36).

Já na terceira e última parte do livro, “As paixões”, a obra se afasta dos modelos dos gêneros autobiográfico e memorialístico, pois não é mais possível dizer que há identidade autor-narrador-personagem, ou seja, não se realiza plenamente o “pacto autobiográfico” de Lejeune. Pode-se dizer que a escrita se aproxima do conto ficcional, permitindo ao autor criar uma Lagoinha mítica que corresponda à sua memória afetiva do lugar.

Em “O lugar” e em “As pessoas”, ao menos é possível perceber alguns rastros do pacto autobiográfico, já que Wander Piroli realmente viveu por muitos anos na Lagoinha. Sendo assim, é provável que ele tenha conhecido bem as pessoas e os lugares da região, ainda que existam traços de ficcionalidade na narrativa, o que se acentua na terceira parte. Percebemos que a escrita de *Lagoinha* se desloca por três estatutos genéricos diferentes – autobiografia, memória e narrativa ficcional –, que correspondem, respectivamente, às divisões apresentadas na obra: “O lugar”, “As pessoas” e “As paixões”. Desse modo, o livro confunde os limites entre esses diferentes gêneros, permitindo-nos questionar e problematizar a rigidez dos estatutos genéricos.

Segundo Miranda, o conceito de Lejeune para a autobiografia “não comporta graus – é tudo ou nada”. Sendo assim, “todos os textos ficcionais que se aproximam dessa definição ou permitem ao leitor suspeitar da identidade entre autor e protagonista, embora o primeiro negue ou não afirme tal identidade, não são considerados como autobiografia *stricto sensu*” (Miranda: 1992, 30). Mas, como

o próprio Miranda ressalta, mesmo em sentido restrito, a autobiografia também assume aspectos próprios da ficção: “Isso evidencia o paradoxo da autobiografia literária” (1992, 30).

Discutirei aqui mais duas questões importantes: a incorporação do autobiográfico e a autoficção. Luciene Almeida de Azevedo, em seu texto “Autoficção e literatura contemporânea”, define a incorporação do autobiográfico como

uma estratégia para eludir a própria autobiografia e tornar híbridas as fronteiras entre o real e o ficcional, colocando no centro das discussões novamente a possibilidade do retorno do autor, não mais como instância capaz de controlar o dito, mas como referência fundamental para performar a própria imagem de si (Azevedo: 2008, 34).

Já o conceito de autoficção pode ser pensado como “uma obra literária na qual um escritor se inventa uma personalidade e uma existência, conservando sua identidade real (seu verdadeiro nome)” (Vincent Colonna, citado por Azevedo: 2008, 36). Como ressalta Azevedo, parafraseando Serge Doubrovsky – um dos formuladores da noção de autoficção –, esse tipo de escrita “inscreve-se na fenda aberta pela constatação de que todo contar de si, reminiscência ou não, é ficcionalizante”. A autora propõe ainda que a autoficção deve ser entendida “como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, por meio da experiência de produzir-se textualmente” (Azevedo: 2008, 35). E mais à frente reforça:

O que é realmente novidade na autoficção é a vontade consciente, estrategicamente teatralizada nos textos, de jogar com a multiplicidade

das identidades autorais, os mitos do autor, e ainda que essa estratégia esteja referendada pela instabilidade de constituição de um “eu”, é preciso que ela esteja calcada em uma referencialidade pragmática, exterior ao texto, uma figura do autor, claro, ele mesmo também conscientemente construído (Azevedo: 2008, 37; grifo meu).

O que realmente interessa no conceito de autoficção é a percepção do texto como forma de criação de um “mito do escritor”, e não puramente a relação mecânica do texto com a vida do autor, como na autobiografia tradicional. Mais uma vez, há o impasse envolvendo a “constelação autobiográfica”, que é composta por memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu (Klinger: 2006, 41). Segundo Diana Irene Klinger, a “constelação autobiográfica” está

rodeada de certa polêmica, que envolve a questão dos gêneros, pois ela se move entre dois extremos: da constatação de que – até certo ponto – toda obra literária é autobiográfica até o fato de que a autobiografia “pura” não existe (2006, 41).

A seguir, analisarei os trechos e recortes do acervo de Wander Piroli por mim selecionados, com o intuito de pressupor até que ponto a imagem que o escritor constrói de si nas cartas e nas entrevistas condiz com a visão do que ele mesmo chama de realidade e de verdade.

A imagem de si

O bairro Lagoinha sempre foi motivo de orgulho para Wander Piroli, que viveu lá até seus 27 anos. As lembranças das experiências no bairro exerceram grande influência em sua forma

de escrever, fazendo-se presente nas crônicas, contos, poemas e histórias contadas em seus livros, como mostra o trecho de uma carta escrita para a amiga Laura Sandroni em 27 de novembro de 1977: “Estou agora tentando escrever a história da um galo de briga cego, uma forte lembrança da minha infância”. O mesmo acontece em outra carta, destinada a Fábio Lucas, de 19 de junho de 2002, sobre seu livro *Sem tirar nem pôr*²: “*Sem tirar nem pôr* é, de fato, um livro de memórias. Falo de coisas antigas, da Lagoinha, dos livros, das atitudes jornalísticas etc.”.

Durante toda a vida, Piroli demonstrou ser uma pessoa modesta, despretensiosa, apreciador exímio de “canas”,³ um escritor “que se coloca folgadoamente no segundo time” e desinteressado do sucesso: “O que alguns bobalhões chamam de sucesso, pouco me importa. O que me interessa é viver. Dentro do meu espaço e sem prejudicar o espaço dos outros” (carta a Nélida Pinõn de 24 de agosto de 1978).

Na apresentação de uma entrevista feita com Piroli para o jornal *Felicíssimo* no ano de 1998 (recorte sem data de publicação), Sávio Grossi ressalta a imagem que tinha do escritor:

Fomos entrevistar Wander Piroli. Para mim uma ansiedade de três dias e três noites. Não conhecia pessoalmente, pouco do que escreveu, conhecia mais o mito Wander Piroli: o filho da Lagoinha, valente, que não faz concessões ao sistema (palavrinha meio fora

² Livro inédito.

³ Piroli era uma pessoa declaradamente apaixonada por cachaça. Conforme suas cartas, houve um período da vida em que chegou a tomar um litro por dia.

de moda), o escritor genial da raça de João Antônio, na descendência direta do pungente Afonso Henriques de Lima Barreto.

Além disso, o escritor sempre demonstrou preocupação com a verdade dos fatos, com a realidade escrita. Isso fica mais claro nos trechos das cartas em que tece comentários sobre seu livro *O menino e o pinto do menino*, lançado em 1975. Piroli, em carta para Paulo Hecker, datada de 24 de agosto de 1975, faz um pequeno relato sobre a composição do livro e a “realidade estrita” presente na obra:

Creia que fiz uma bruta força pra parir um texto limpo, simples e verdadeiro, trabalhando, sem truque, em cima da realidade estrita, minha realidade doméstica, minha mulher e filhos, meu Bumba e seu pintinho, usando o nome de cada um, a sua maneira de falar, até a morte do pintinho, como de fato aconteceu tanto na vida real como no livro.

Em carta do mesmo ano, destinada a Lucia Helena em 29 de agosto, Wander Piroli reforça a ideia da escrita como reflexo da realidade, ainda referindo-se ao livro *O menino e o pinto do menino*:

O paspalhão do pai que prepara a caipirinha sou eu mesmo. Bumba é meu filho Bruno, então com quatro anos, meu companheiro de pescaria. Ele ganhou realmente o diabo do pintinho no dia da criança. Andréa, Silvana e Adriana são minhas três filhas, Aparecida é minha mulher e Ana era a funcionária lá de casa.

O escritor volta ao tema em algumas outras cartas, como a que enviou para Nelly Novaes Coelho em 16 de outubro de 1975,

em que afirma: “*O menino e o pinto do menino* é uma história muito simples, feita em cima da realidade estrita, Bumba é meu filho etc”. Ou ainda a missiva destinada a “Alberto”, datada de 14 de julho de 1976, que fala sobre o livro *Os rios morrem de sede*, em que novamente aparece o seu filho Bumba, agora com sete anos: “Um texto bastante autobiográfico e eu estou achando o resultado um tanto piegas”.

É possível perceber claramente, nos trechos citados, a incorporação autobiográfica feita por Wander Piroli. Ao assumir a preocupação com a realidade dos fatos e com a verdade presente em seus livros, o escritor cria um comprometimento importante. Porém, há vários pontos em que essa imagem de “escritor da verdade” cai em contradição.

A desconstrução da verdade

Segundo Gilberto Menezes, em entrevista com o autor publicada no Suplemento Dominical do *Diário de Minas* em 17 de junho de 1984, Wander Piroli era visto por muitos como um “cara fechadão”, como um “sujeito casca grossa”. Mas, ao mesmo tempo, como alguém que “penetrava nas pessoas como uma lança”, revelando uma grande sensibilidade e uma preocupação enorme com as pessoas, com as mulheres, com as relações humanas, como demonstra esse excerto de um de seus cadernos de anotações: “O que sempre me interessou é o ser humano, a vida, a existência do homem aqui na terra, o ato de viver. Eu sempre tentei chegar mais perto das pessoas”. Este mesmo Wander Piroli, que reforça e se apropria da imagem que ele próprio criou de si e de seu modelo de escrita, comete alguns deslizos, abrindo espaço para a percepção de algumas contradições e para formulação de conjecturas.

Na carta para Lucia Helena (1975) citada anteriormente, depois de admitir que a história e os personagens de *O menino e o pinto do menino* fizeram parte de sua vida real e que o texto foi trabalhado com base na realidade estrita, o escritor completa o parágrafo dizendo que modificou o apartamento para o centro da cidade (porque precisava de um lugar onde houvesse mais edifícios) e o final da história (porque queria concentrar a ação num só dia, numa só sequência, e o pinto na verdade morreu no dia seguinte e não no mesmo dia, como é contado no livro).

Outro exemplo dos deslizes que Wander Piroli comete, contradizendo a ideia de que suas obras são estritamente condizentes com a realidade vivida, aparece quando, ainda na entrevista ao jornal *Felicíssimo*, em 1998, um dos entrevistadores⁴ tece um elogio ao escritor, a propósito do poema “Teoria e prática do corpo”, presente na orelha de outro livro de sua autoria, intitulado *Minha bela putana*. Após Piroli dar detalhes a respeito da obra, o entrevistador pergunta: “Aquilo ali é tudo história de vida, ô Wander?”. “Nada. É tudo inventado!”, responde o autor prontamente.

Já na entrevista concedida em 1984 ao *Diário de Minas*, um dia antes do lançamento de *Minha bela putana*, Wander Piroli comete mais um descuido quando o entrevistador o questiona a respeito da filosofia, sua e de vários outros autores contemporâneos, “de só dar ao leitor 40 por cento de alguma verdade, para que ele conclua as outras”. Em sua resposta, o escritor afirma:

⁴ A entrevista possui um caráter bastante informal e descontraído, com música e muitas gargalhadas, como se fosse uma conversa de bar. Por isso, não há um único entrevistador.

Eu acho 40 por cento excessivo, devia dar menos (risos). Um livro é uma parceria. O sujeito que escreve um livro, ele quer no leitor um parceiro ou um cúmplice. Se ele não ler com esses olhos, é um leitor que não interessa. Aí o autor falhou. O ideal seria oferecer 20 por cento. Mas a dosagem pouco importa. Tem história que dá mais e outras menos. O ideal é uma participação maior do leitor, que ele construísse a história junto com o autor, ou junto com as pessoas envolvidas nela. Passasse a conviver com aquela história, se identificando ou não. *Então, a verdade da literatura não é se aconteceu ou não, mas se o autor conseguiu passar pro leitor uma verdade, através da palavra escrita.* A emoção está ali, subjacente ou não. Se isso chegar no leitor, então torna-se verdadeira. Pouco importa se a história aconteceu ou não, ou se você estava envolvido diretamente nela (grifo meu).

Um comentário de Gilberto Menezes, jornalista que participou da entrevista, explícita de modo curioso essa contradição entre a imagem do escritor e sua voz ficcional: “Vocês podem imaginar um cara de quase dois metros de altura e bigodudo como o Wander escrever como se tivesse entrando na pele de uma mulher? Pois ele fez assim em vários contos de *Minha bela putana*”.

Através desta análise, pode-se perceber que não é possível saber com precisão até que ponto a imagem que Wander Piroli constrói de si nas cartas e nas entrevistas condiz com a visão do que ele mesmo chama de realidade. Ainda há fronteiras que não são bem delimitadas e lacunas impossíveis de serem preenchidas. Mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que os mitos criados em torno do “filho da Lagoinha” existem e prometem durar por muito tempo.

Referências

- AZEVEDO, Luciene Almeida de. “Autoficção e literatura contemporânea”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, nº 12, 2008, pp. 31-49.
- INVENTÁRIO Wander Piroli. *Registro do Acervo de Wander Piroli*. Centro de Estudos Literários – Faculdade de Letras, UFMG, 2009.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro. Autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. Tese de doutorado em Literatura Comparada. Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro. 2006.
- MIRANDA, Wander Melo. “A ilusão autobiográfica”. In: _____. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, 25-41.
- PIROLI, Wander. *Lagoinha*. 2ª ed. Belo Horizonte: Conceito, 2003.
- _____. *Minha bela putana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *O menino e o pinto do menino*. Belo Horizonte: Comunicação. Coleção do Pinto, 1986.
- _____. *Os rios morrem de sede*. São Paulo: Moderna, 1994.
- _____. “Na Lagoinha ainda existem honrados gigolôs”. [1984]. Belo Horizonte: *Diário de Minas*. Entrevista concedida a Éder, Gilberto Menezes, Magda, Marão, Pinheiro, Preta e Ricardo.
- _____. “Wander Piroli no *Felicíssimo*???”. [1998]. Belo Horizonte: *Jornal Felicíssimo*. Entrevista concedida a Alencar Abujanra, Arnaldo Viana, Gilberto Menezes, Gilmar, Preta Senra, Sávio Grossi e Silveira.
- _____. Carta de 24/8/78, Belo Horizonte, para Nélida Piñon.

- _____. Carta de 27/11/77, Belo Horizonte, para Laura Sandroni.
- _____. Carta de 24/8/75, Belo Horizonte, para Paulo Hecker.
- _____. Carta de 29/8/75, Belo Horizonte, para Lucia Helena.
- _____. Carta de 19/6/2001, Belo Horizonte, para Fábio Lucas.

